

*Nota de Arquivo
na foto Norte*

RF

Em "busca" do Polo Norte

Explorador italiano e seu cão desistem perto do fim

■ A fadiga e as intempéries venceram...



*Mein Notizen
na VF, Outubro 1983*

Um italiano, de 41 anos, acompanhado do seu cão, percorreu a pé, nas planuras geladas, 800 quilómetros em 50 dias, vendo-se forçado a desistir da sua expedição a escassos vinte quilómetros do objectivo que se propunha atingir, o Polo Norte.

A rádio italiana anunciou ontem de manhã que o explorador, Ambrogio Fogar, chegara ao termo da sua odisseia. Poucas horas depois surgia o desmentido através do serviço noticioso da televisão: o italiano tivera de renunciar, vencido pela fadiga.

Um "piper-club" recuperou-o, transportando-o a Resolute-Bay, aldeia esquimó de 167 habitantes, situada nas ilhas Parry, a meio caminho entre o Canadá e o norte da Gronelândia.

Fogar lançara-se na sua aventura em 13 de Março. O mesmo avião levou-o nesse dia a Cabo Columbia, no extremo norte da ilha Ellesmere (a mais setentrional do arquipélago ártico canadiano), ponto de partida do seu périplo.

O explorador italiano não é o primeiro "solitário" tentado pela expedição ao Pólo Norte. Um japonês, Naomi Uenuura, de 37 anos, conseguiu esta proeza em Março de 1978 culminando uma odisseia de 55 dias.

Mas, ao contrário do japonês, que foi auxiliado por um conjunto de 17 cães de trenó, o explorador italiano levou só um cão, um animal robusto de raça siberiana, de pelo ruivo, que dá

pelo nome de "Armaduk".

E foi a pé, à razão de uns vinte quilómetros por dia, substituindo o cão quando o trenó que carregava o material da expedição devia utilizar passagens demasiado inclinadas.

A "cansativa expedição", conta Ambrogio Fogar, foi precedida por uma longa preparação: vinte dias no Himalaia, dois meses, no Verão passado, nos gelos flutuantes com dois guias alpinos, um deles, Claudio Schranz, que desta vez proporcionou uma escuta permanente de rádio em Resolute Bay, enquanto durou o périplo.

Os incidentes não faltaram: três dias após a partida, Armaduk feriu-se numa pata. Foi preciso tornar o trenó mais leve. O cão ficou curado ao fim de doze dias. Depois o fogo explodiu, queimando uma parte da tenda. Foi preciso improvisar. Mas pior do que tudo isso, foi o frio, um "frio aterrador", com temperaturas rondando os 60 graus negativos. Reinou durante todo o mês de Março. Fiquei com recordações medonhas, diz Ambrogio Fogar.

Outro motivo de inquietação foi a chegada do Verão polar com o sol que nunca se põe e que provoca o degelo à superfície. O termómetro sobe, e goza-se um "calor" de vinte graus centígrados negativos. Os gelos flutuantes partem-se em mil pedaços.

No dia 7 de Abril, o explorador encontrava-se num imenso

bloco de gelo que era levado pelas correntes marinhas para o Sul.

O avião que o reabastece regularmente recupera-o e leva-o para "terra" firme, mais a oeste, de onde volta a partir: em seis dias, percorreu 90km, mas só avançou na direcção do pólo 15km. A deriva dos gelos flutuantes inquietá-lo-ia até ao último momento.

O equipamento experimental por Fogar para esta expedição é surpreendentemente leve e prático: um trenó de 2,80m de comprimento, 30cm de largura, que pesa apenas nove quilos, transformável num "kayak" sendo preciso, uma tenda-tempestade que se fecha como um chapéu de chuva. Rações alimentares liofilizadas, proporcionando 4015 calorias por dia, sem contar um aparelho emissor-receptor, um conta-quilómetros rudimentar fixado ao trenó e um "bip-bip" que dá automaticamente a sua posição, a intervalos de 107 segundos, a um satélite.

De 50 em 50km, colhe um pedaço de gelo, as amostras servirão para um programa de experiências científicas sobre a poluição dos gelos flutuantes do pólo (banquise).

Finalmente o malogro. Uma consolação: (se é que se possa chamar) um alpinista britânico, de 25 anos, Adams Hempelman, que partira ao mesmo tempo que o italiano, voltou para trás depois de ter ficado ferido numa queda desastrosa.